

## UM FANTASMA NA HISTÓRIA RIO-GRANDENSE

EURICO RODRIGUES

Ao índio guaraní Tiarajú falta dimensão histórica para ser primeiro caudilho rio-grandense. Carece êle como figura da história de identificação com a nebulosa político-territorial da formação do Continente de São Pedro.

As Reduções, tendo como eixo o rio Uruguai, se por um milagre político-religioso constituíam uma nação independente e de língua guaraní, sob a proteção de Deus, êle seria então o primeiro mártir, desalojando porém no calendário os mártires do Caáro. Mas, é de ver, a presença de Buenos Aires e Assunção constituíam como que dois polos de atração e divisão, como tenazes da Espanha, dando por conseguinte configuração política e destino nacional às populações indígenas aldeadas.

De certo modo, desde que foi chantada sob bases seguras a "Colônia do Sacramento", rival em comércio e prestígio militar de Buenos Aires nos embates e contra embates das armas apontava do lado espanhol a flexa do índio trazido do seu reduto. Já, numa das primeiras investidas, era pedido um auxílio de Tucuman, que pode caracterizar em todo o tempo o ânimo do indígena, sempre açaimado contra nós. Escreve o Cel. Jonathas da Costa Rêgo Monteiro: "Sente-se nessa súplica, de 19 de dezembro de 1699, a ação combinada do comércio e dos jesuítas, de mãos dadas, para a eliminação do concorrente comum. O pobre ão nativo, o índio, "la chair à canôn" dos espanhóis nos ataques à Colônia, servia de capa, com os prejuízos da *fazenda real*, nessa virulenta petição, que terminava dizendo (.....): "nos queda el con-

suelo de haverlo prevenido com tiempo y el mérito de ver por nuestros ojos abandonados nuestros derechos por una Nación rebelde a V.M." ("A Colônia do Sacramento" — 1º Vol., pág. 132).

Tais investidas a fio dos anos apontados como golpes de extermínio, tornaram Sacramento nos fins do século XVII e no século XVIII um campo de marte, que serviu de experiência e adestramento para os futuros guerreiros indígenas, que seriam na trasmudação dos seres e das idades os futuros soldados do alferes-real dos Sete Povos.

Tiarajú desempenhava função político-administrativa como "alcaide" e carregava uma responsabilidade de grau militar como alferes do Rei, na redução de São Miguel, títulos que lhe foram conferidos na forma das leis da Espanha. Já aqui está expressa ou, quando menos, aponta uma qualificação de cidadania espanhola. As suas funções não eram vãs, simbólicas como "enfeite para alegria do índio".

Nas plagas longínquas do Sul, porque as hostes buonarinas não campeavam índios na coxilha ou no pampa, os quais andavam sempre errantes, eram êles aliciados nas re-

duções, como também nesses núcleos iam caçá-los os bandeirantes.

Contra a Colônia do Sacramento a cada passo ou em cada luta se alcançavam as flexas e os tacapes indígenas, nos vaivens das lutas.

Assim, os Tapes, em 1718, "continuavam em suas agressões contra o pessoal da Praça". E os Guaraniés, que tiveram como intérprete Marcos de Velodas, em carta de 2 de fevereiro de 1719 dirigida a Don Bruno Mauricio de Zabaia, então no Governo de Buenos Aires, avolumavam queixas para uma "delenda Carthago".

Em face dessas investidas e inquietações, escreve Jonathas da Costa Monteiro: "De agressões isoladas, foram tornando-se, espanhóis e principalmente índios, mais audazes, a ponto de atacarem, constituindo uma partida de quinhentos índios..." (Ob. e vol. cits. — página 178).

Mais tarde, quando Don Miguel de Salcede comanda o ataque ao baluarte português da extremadura do Prata, leva nas suas forças 300 cavalários tapes das Reduções. Era o terceiro cerco que abalava a Colônia desde a sua fundação.

Depois, no assédio de Zeballos à Colônia, com 5.500 homens, 1.800 eram tapes submissos ou conquistados á fé. (Op. e vol. cits. — página 383).

Em face do tratado de 1761, que tornou sem efeito o tratado de limites de 1750 e sem causa ou motivo histórico ou geográfico a campanha das Missões, malpassado o tempo e assim de volta deste Continente, vai Ceballos assediar a Colônia em 25 de maio de 1761. Rêgo Monteiro comenta o feito: "Organizou Ceballos suas forças, recebendo recrutas e material de artilharia de Buenos Aires, para bater as muralhas da Praça, e preparando-se com maior cautela, na espera de oportunidade de dar o golpe sobre a Colônia e também sobre o "Rio Grande". (Op. e vol. cits. — página 378).

À época o denodado Gomes Freire, que passara sete anos e dois meses em "trabalhos de limites, tempo em que estivera 14 meses na Colô-

nia", já era o Conde de Bobadella e já estava ausente no Rio.

Passemos a ver agora, numa visão retrospectiva, como se desenrolara a Campanha da demarcação do tratado de 1750, convênio que de resto foi inútil quanto à integração do território missioneiro. O exame feito será suscinto. Iremos acompanhar porém essa larga incursão de guerrilhas e limites através da obra mestra do venerando Carlos Teschauer, S.J. Torna-se *primafacie* oportuna a afirmação que parece ter havido dois momentos distintos no desenvolver dos acontecimentos. Na primeira fase, o exército português teve *para magna*. Foi Gomes Freire quem falou em carta, pois não era ultimato, pelos exércitos. Houve então da parte guarani a primeira acometida a Rio Pardo, em 22 de fevereiro de 1754, cujo malôgro revela, no dizer do ilustre historiador, o caráter dos guaraniés: "Muita cobiça, pouco juízo e cega confiança". Nesse tempo, Andonae-gui, comandante de Buenos Aires, retira-se para Daymán, perto de hoje cidade uruguaia de Saito. Volta depois e é atacado". Ainda não concluída a ação de Daymán, recebeu Andonae-gui cartas de Val de Lirios; ponderando que nenhuma razão poderiam perante o rei de Portugal justificar o exército espanhol retirando-se dos indígenas. Que supunha estar Gomes Freire senhor de alguns dos povos das Missões. "O que poderia dar-lhe bellissima ocasião para senhorear-se deles e não entregar a Colônia por considerá-los como conquistados". ("História do Rio Grande do Sul" — dos dois primeiros séculos — 2º Vol. — pag. 247).

Chega por fim Gomes Freire a Rio Pardo a 14 de agosto de 1754, e em setembro o exército acampa perto do sêro ou morro Botucaraí, à vista dos fogões dos índios. Então, no dizer do provector historiador, "começa e continua um estranho comércio ora amigável ora ameaçador entre os índios e os portugueses". (Op. e vol. cits. — página 248). "Os índios conforme a sua pouca reflexão — e o conceito é do saudoso historiador, — pene-

travam no mato dos portugueses, como se estivessem em paz, dizendo que queriam falar a seu general e vender ou comprar algo aos portugueses". Parece que é nesse tempo que nasce a narrativa com algo de lenda do diálogo entre o general comandante e o índio Tiarajú.

No fim do capítulo, na obra de Teschauer não aparecem as fontes fidedignas. E o general Souza Doca, historiador eminente, de responsabilidade, o qualifica de "pseudo-diálogo".

Da pena do primeiro cai porém esta resposta do indígena-interlocutor: "— Pois, general, eu vim para dizer-te que o exército espanhol voltou e nos deixou em paz, e que tu e o teu exército façais o mesmo e volteis daqui!

É isto e não mais que eu te tenho a dizer".

Ora, devem ser ouvidas as duas partes, e restará à história ainda falar através da interpretação do diário da expedição de Gomes Freire e das notas e atos oficiais.

Esse foi o primeiro momento ou a primeira fase da campanha. Correu o tempo. Há uma segunda expedição em projeto.

Agora Andonaegui recruta novas gentes, e põe-se à frente do seu exército. E Gomes Freire movimentou-se do Rio Grande. Marcham as duas forças e reúnem-se em Sarandí, grande estância da redução de São Miguel. Gomes Freire é de presença sempre marcial; andava a cavalo. Andonaegui, homem de 70 anos, viajava de carro.

Observa com propriedade o historiador Carlos Teschauer, S.J. "Confiança os Guaranis cegamente nos seus santos ou, o que mais influiu neste proceder pouco estratégico, não podendo unir-se e sempre em briga, entregaram-se a uma inatividade que deixou ao inimigo tódia a liberdade de agir e tódias as vantagens que estavam de per si nas mãos dos índios". (in Op. e vol. cits. — pág. 258 — 1921).

Os índios sublevados eram os dos Sete Povos e também os da costa do Uruguai. Tiarajú não foi um líder e nem guerreiro, pois não soube uni-los e comandá-los com essa agi-

lidade de movimentos, que é o traço dos nossos caudilhos, além da inteligência que cria o improvisto e a surpresa da ação imediata, atos que galvanizam as emprêças guerreiras e criam as vitórias. Nenhum traço de condutor enérgico e astuto. Uma estância de quem andava a monte e se emboscava, sem "agarrar pelos cabelos" qualquer ocasião.

Aqueles bravos e crédulos índios, segundo o citado historiador, "tendo apenas uns trezentos homens reunidos, nem sequer tinham eleito um chefe superior, sendo casualmente o corregedor de S. Miguel, "Tiarajú", a quem obedeciam amigos e vizinhos". (Op. e vol. 2º cits. — pág. 258).

À página seguinte do volume segundo da obra em aprêço — "História do Rio Grande do Sul" — é transcrito um trecho do diário do Cap. Rodrigues Cunha, quem informa que à retaguarda dos exércitos se achavam mil e quinhentos índios, o que é tachado de balela pelo projecto historiador das missões. Mas nessa passagem do diário há esta parte, também transcrita: "... e que disseram aos peães e carreteiros (disseram êles, os índios, o parêntese é nosso) que os espanhóis, se quizessem, podiam entrar nas suas Missões, mas não os portugueses..." (Pág. 259).

— Por que os espanhóis? Naturalmente, eram ordens do chefe Tiarajú, o qual já naquele simbólico diálogo referido elogiara a conduta dos exércitos espanhóis.

Eis logo aqui, na narrativa fiel do preclaro Teschauer, cujas palavras e conceitos procuramos reproduzir ou estamos reproduzindo, como veio a morrer, sem o calor da luta, o impeto do entrevero em campo largo de hostes ágeis e numerosas: — "Mas, antes da chegada do reforço, houve um recontro. Voltando os índios as garupas. Viana os persegue a tódia carreira, com 75 homens que podiam segui-lo, e depois com vinte, a que ia reduzido no aproximar-se de um capão, onde acabou de fazer alto o inimigo.

"Ali estava o morobixava Sepé Tiarajú, o chefe dos sublevados, cha-

mando a si a atenção pela arrogância do porte e dos gestos.

"Um cavaleiro português o derubou juntamente com o cavalo, ferindo-o com a lança, não sem receber também uma ferida, ou êle tropeçou em uma toca de tatu, dessas que há muitas naqueles campos, e talvez ainda escapasse, se Viana o não matasse a tiro de pistola antes que pudesse erguer-se". (Op. e vol. 2º cits. — pág. 261).

Houvera um reencontro (não o enterevo gaúcho), um lance breve e a morte também breve, sem peleja.

Tiarajú, nos seus movimentos anteriores, fizera curtas emboscadas, que nem tiveram o lance imprevisto e vitorioso das guerrilhas. Investidas dispersas e inexpressivas, mais recuadas do que avançadas.

Poucos dias após os guaraníes foram agrupados e morreram no combate de Caiboaté, perto de São Gabriel, sob as ordens de Cunhatã. Nessa peleja de "Caiboaté", os índios foram levados por Nicolau Nenguirú, já o terceiro de nome e de "Concepción del Uruguai".

Eram, na expressão de Teschauer, os "bobos índios", postados bem no caminho dos exércitos da expedição demarcadora. E, diz o historiador: "não eram propriamente tropas mas antes uma multidão indisciplinada de meninos".

"Vencidos e desfeitos sem ter combatido". (Ob. e Vol. 2º — página 267).

É opinião do respeitável Teschauer: "Sentiram muito os Guaraniés a morte de Sepé, o único que entre êles alguma espécie de talento militar desenvolvia e, se não aproveitava quantas vantagens se lhe ofereciam também nunca expunha a sua gente".

Sobre o corpo de Sepé foram encontradas duas cartas, ambas em guaraní, e numa delas havia estas passagens: "Não queremos aqui Gomes Freire e a sua gente, que por instigação do diabo, tanto ódio nos tem. Foi êle que enganou seu rei e o nosso bom monarca, e por isso não queremos recebê-lo.

"Temos derramado sangue no serviço de el rei, pelejando suas ba-

talhas na Colônia e no Paraguai, e ainda êle nos diz que abandonemos nossas casas, nossa pátria! Este mandamento não é de Deus, é do diabo, mas o nosso rei anda sempre pelos caminhos de Deus, não do demônio, assim nô-lo têm dito sempre". (In Op. e II tomo cits — pág. 263 — Carlos Teschauer, S.J.).

Nesse documento parece haver um retrato de alma, uma revelação ou abjurgotória divina contra os portugueses enfim uma autópsia da História.

A fala, perante Deus e a morte, que é sagrada no seu mistério e silêncio, é a voz de um nobre de Castela, como se estivesse a clamar à posteridade, pelo seu rei e sua grei.

Na verdade, a personalidade cívica e jurídica de Tiarajú até o momento da sua morte oscilou somente entre a gens guaraní e a nacionalidade espanhola. Um título declaratório de nacionalidade brasileira *post-seculum* é coisa que o direito e a história no caso repudiam.

Que passado continentino seria cultuado no perfil agressivo de Sepé? Que Lutas? O seu ataque a Rio Pardo, na manhã de 29 de abril de 1754, com esquadrões de assaltantes e duas bôças de fogo? Desta pugna, da investida ao Forte, fundado sob a protecção de Jesus, Maria-José, dá-nos Alcides Cruz esta descrição, arrimado o historiador em a narrativa do Visconde de São Leopoldo e no diário da expedição de Gomes Freire: "O Forte despejou-lhe a artilharia com firmeza e sucesso, lançando-lhes o terror (...). O comandante Osório quis aproveitar o pânico e logo pôs-lhes em perseguição uma gentil guerrilha, que levava como cabo o tenente Pinto Bandeira, que de motu próprio se ofereceu para a temerária diversão. Na várzea, além de Rio Pardo, a acção tornou-se renhida e foi aprisionado o capitão índio que era o famoso Sepé Tiarajú, e numeroso grupo de sequazes. Trazidos à presença do chefe Osório, êste generoso cabo pô-los em liberdade, depois de tratá-los com carinho e lealdade". (in "Vida de Rafael Pinto Bandeira" — págs. 21 e 22 — ed. 1906).

Poder-se-ia no chão de Rio Pardo erguer-se por ventura um monumento a Sepé, esquecendo-se o legendário Rafael Pinto Bandeira? Rafael, que foi o maior dos maiores na genealogia dos caudilhos continentinos, era nesse entrevero um adolescente. Mas já êle, sim, levava na sua alma de bravo o impeto da gênese do caudilho.

Como exemplo vivo da significação militar de Rio Pardo, a tranqueira invicta, podemos relembrar que em 1773, assim poucos anos antes de ser arrasada a Colônia do Sacramento o general espanhol Don Juan José da Vertiz y Salcedo imaginou invadir o território continentino, tendo como "principal objetivo dessa audaciosa invasão atacar o povo de Rio Pardo, base de operações dos nossos cabos, e depois de tomado aquêle, um golpe de mão sôbre Nossa Senhora da Madre de Deus de Pôrto Alegre, ultimamente elevada à Capital da capitania..." (Alcides Cruz, op. cit. — pág. 45).

Só a presença dêsse fato histórico responde quanto à posição de Sepé, vinda a propósito em relação ao passado do povo gaúcho e em face da nossa formação e nossa glória de fronteiras.

Rio Pardo era atalaia das nossas lindes e fronteiras, jamais fôra base administrativa das Missões. As balizas que demarcavam a nossa posse territorial e expansão eram Rio Grande e Rio Pardo.

O meio físico, os recursos de alimentação e as guerras do Continente criaram a figura gigante do caudilho-fronteiro e o conjunto da muralha varonil das suas hostes. Esses homens, cujo símbolo mais alto é Rafael Pinto Bandeira, tinham um destino de pátria, que era o destino do Continente.

Sepé lutou pelo destino duma pátria guaraní ou pela destinação da terra de São Pedro? Nenhum dos conceitos formulados lhe serve de pedestal, porque a sua figura carece de quaisquer dêsses traços, bem definidos pelo comportamento. É mesmo ausente a feição local, já com a catadura do guerreiro duma pátria em gestação ou prestes a nascer.

A limitada e desabrada existência

histórica do índio Sepé não sintoniza de nenhum modo com o nosso processo histórico, nem pela presença de sangue indígena ou do sangue derramado em holocausto ao torrão pátrio que nascia. Jamais tivemos nas nossas batalhas e guerrilhas a presença eventual ao menos do indigitado índio. (E não andaria êle mais de uma vez nos outros arraiais?).

Tivemos em todos os tempos, sim, como um painel para a história pátria, a cavalaria gaúcha, dos audazes fronteiros continentinos e dos caudilhos de tôdas as épocas, homens que eram centauros nas coxilhas e não causaram dano ou perigo à formação da nacionalidade brasileira. Estes gaúchos, homens do pago, traziam uma força telúrica para assombro e grandeza da nossa história, força nativa do rincão, da querência, da terra do Continente enfim.

Uma restrita posição autóctone não comunica ritmo às páginas da história de uma nação, para merecer a sagração inigualável de um povo comovido, das almas que se ajoelham de tôdas as gerações agradecidas.

A côr da carne de bronze, um amor terreno local, uma vontade teimosa e desgarrada de finalidades podem apenas constituir motivos para a arte, sem significação para a história.

Uma estátua é um diálogo de bronze, é a própria Nação que fala à posteridade. Esse diálogo lega um exemplo e é uma voz que se comunica a tôdas as gerações.

No Uruguai, informa Alberto Zunfeld, arrimado em Bauzé, que é da mescla de índios, espanhóis e *portuguêses* na existência livre e bravia do território que surge o "tipo nacional do gaúcho". Por certo o caudilho, quando não é "godo", "ariano".

É de ver que também entre nós na formação do gaúcho a componente lusa é a base racial, quando não de origem mameluca. O índio não foi por nós aldeado, e nos faltaram os patriarcas raciais à sementeira de Ramalho.

Escreve o autor de "O Continente do Rio Grande", José Honório Ro-

drigues, a propósito do assunto: "O povoamento do Rio Grande se faz no período colonial com mazombos de várias origens e açorianos. Dominam o açoriano e o lagunista, de origem paulista, mas influi também o carioca de origem minhota". (pág. 45 — ed. 1954 — Rio).

Traça o mesmo historiador as linhas da nossa psique, quando antes escreve, depois da projeção feita do meio físico: "A psicologia cultural das formas de vida no Continente há de fazer-se jogando com êstes elementos e com outros de extraordinária importância para ..... tinos da região e seu papel no quadro político do Império prestes a nascer". (Op. cit. — pág. 44).

O historiador recorrido esclarece na sua monografia, não sem reserva, que Saint-Hilaire, em face da presença da raça pura nestas plagas, não via com bons olhos as possibilidades dum caldeamento no futuro com a raça indígena. E o sábio gaulês cruzou como itinerante e observador estas coxilhas muitos anos após, já nos idos de 1820. Portanto não se pode em nenhuma hipótese relegar o fundo básico generalizado do caráter lusitano, que informa o nosso caráter. Essa é a nossa formação de raça, — da raça que traçou e amalgamou as origens da nossa história e ajudou o destino da nacionalidade.

É o próprio Oliveira Martins quem escreve êste conceito: "No Sul desenvolviam-se de um modo expon-tâneo os elementos de uma nação futura..." ("O Brasil e as Colônias Portuguesas" — pág. 32 — Lisboa — ed. 1953). Referia-se o grande historiador luso ao século XVI. Depois, já referindo-se ao século XVIII —: "Desde que Portugal na Europa vivia à custa de um Brasil não índio mas europeu, fôrça era que as condições políticas se invertessem, traduzindo de fato a realidade: Portugal era a Colônia, o Brasil a Metrópole". (Op. cit. — pág. 89). Em referência a essa expressão ou fisionomia histórica do Brasil, que muito antes do gesto do Ipiranga sabia levantar a cabeça, o historiador-sociólogo faz a observação que aponta de um fato expressivo do

nosso nativismo, marcando a nossa presença americana: — "Contra o rei e o seu conselheiro, contra os holandeses e a poderosa armada que os foi sustentar (1647), combateram os *brasileiros* bombardeando o Recife". (Op. cit. — pág. 46).

Menciona nas suas páginas o egrégio historiador, que, sem embargo da ocupação do largo tempo de meio século do domínio espanhol sobre o velho Portugal e o Brasil, havia ao Sul os sentimentos de uma virilidade que não fôra abatida.

E ainda escreve, referindo-se à quadra das lutas contra o domínio bátaço: "No Sul havia, não só o fato, mas o sentimento da realidade de uma pátria nova". (Op. cit. — pág. 46).

Os vicentistas, os lagunistas, as bandeiras e as gentes de Silva Paes foram os portadores dêsses sentimentos, embora não manifestados, ao abordarem o Continente, que os atraía de maneira estranha e não era uma donatária.

Em 1680, quando ocorreu a restauração monárquica e a libertação de Portugal, o conceito é de João Ribeiro, referente aos paulistas: "Eram já êstes uma raça libérrima, diferenciada pelo mestiçamento e pela heterogeneidade de outros povos adventícios, de modo que o *lealismo* à coroa portuguesa era nêles um sentimento desconhecido e talvez mesmo antipático".

A história rio-grandense desde as suas origens revela essa atitude e êsse sentimento. O meio e a distância nos diferenciavam e nos insuflaram sentimento de liberdade localista. O chão rio-grandense é uma conquista dos caudilhos fronteiros; nasce do passo dos exércitos e do pó das batalhas.

A própria conquista posterior do território das Missões é uma prova do conceito.

Depois do tratado de S. Ildefonso, foi o velho fronteiro Ten.-Cel. Patrício José Correia da Câmara o criador da conquista dos Sete Povos. Em referência ao fato, escreve Aurélio Pôrto: "A conquista dos Sete Povos, levada a efeito pelo soldado desertor de dragões José Borges do Canto e logo secundada pelo estan-

cieiro Manoel dos Santos Pedroso, teve como inspirador o Ten.-Cel. Patrício José Correia da Câmara. Não há documento que autorize afirmar houvesse Patrício recebido qualquer sugestão nesse sentido". ("História das Missões Orientais do Uruguai" — 2ª Parte — pág. 261). Em 1802, ainda o valoroso fronteiro esclarecia que nessa conquista o Ten. Francisco Barreto agira "com instruções que eu lhe havia dado para a mencionada empresa". (Op. cit. — página 271).

Vem a propósito assinalar, a fim de ficar bem definido o perfil geográfico de Sepé, que o território missioneiro ficava fora da influência portuguesa. Era uma área seccionada da superfície do Continente. Mercê dessa posição, o alferes-real e corregedor do Povo de São Miguel, Tiarajú, tivera como cenário das suas façanhas e vida um território que ainda não pertencia às raias jurisdicionais do Continente de São Pedro. Um exagerado critério telúrico progresso nos levaria até a incorporarmos a figura de Alvear à nossa história, pois êle nasceu em Santo Ângelo.

Como as Reduções não eram portuguesas, e sim, espanholas, nem podíamos e jamais o fizemos, invocar o princípio que sempre nos ajudou do *uti possidetis*.

A conquista dessa fração de território, se não decorreu de tratados, oferece a verdade de uma incorporação de caráter militar, embora com episódios de aderência espontânea.

Se o velho Patrício José Correia da Câmara acordasse hoje do seu leito de glórias, passados tantos séculos, e ao mesmo tempo se defrontasse com um povo rendendo culto cívico ao índio Tiarajú, que diria e sentiria o legendário fronteiro, ainda mais se o seu olhar agudo e sombreado de pálpebras de águia imperial enxergasse um monumento erigido a êste índio, como sendo êle o símbolo do primeiro caudilho rio-grandense e imagem telúrica de brasilidade?

Que Deus se amercie de nós!

O busto de traços rijos e mongólicos de Tiarajú apenas seria tole-

rado num horto florestal, sob a proteção de velhas árvores da região missioneira. Ai, à margem das moitas, como ao pé das sombras poéticas e como um duende matreiro e ora amoitado, talvez pudesse representar um motivo para a arte, a poesia e a lenda.

Nas mesmas páginas de Teschauer não se alteia o destino de Sepé como condutor, como guia de povos.

Num parque nacional, numa praça pública ao lado de figuras tutelares da nacionalidade, símbolos das origens, a figura de Sepé ficaria historicamente grotesca e destoante. Que dístico se poderia gravar no pedestal da estátua?

O brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, o "inexcedível vencedor que nunca foi vencido", o campesino que trazia o mapa do Rio Grande na memória, não possui uma estátua, por incúria nossa. Nos alicerces da velha tranqueira de Rio Pardo não se ergueu ainda em bronze o vulto egrégio do lidador Patrício José Corrêia da Câmara, estendendo a espada e o olhar para os lados das serrarias de São Martinho.

Plácido de Castro, o gaúcho de São Gabriel, que deu um território ao Brasil, com a sua legião de "inconfidentes acreanos" da República, êle, que foi herói, está esquecido do olhar rio-grandense.

E Joaquim Caetano da Silva, do avoengo Serrito, jovem sábio que pesquisou a história e deu depois um livro que valia por um exército e foi a voz silenciosa que ajudou no Gabinete a Rio Branco a vencer a questão do Amapá, território que possui maior área que a superfície do nosso Rio Grande, conservando sob a tutela brasileira as duas margens do Amazonas, também é ignorado pelo povo. Mas o seu vulto tão grande em pensamento e majestoso em brasilidade deveria estar numa praça, na consagração do bronze.

A que título se há de agora, em face de tantas omissões, mesmo de culto a homens bem próximos de nós, que são representativos pela cultura, pela glória militar ou projeção pública, colocar à ventura no

recinto de um logradouro público o vulto matreiro e despido do índio das Missões, sem genealogia nacional.

Argumento *ad hominem* ou de fé não caberia no caso, porque ficaria sem propósito, já que os motivos até hoje invocados em favor do monumento são nativistas e históricos, alguns trazidos às carreiras como se na expressão de Frei Heitor Pinto se fizesse toque de índio", avaliasse o seu quilate histórico.

A lenda é uma narrativa maravilhosa que não pode antepor-se à

verdade da história. Por que se há de desvendar o mistério cristão e humano, até no perdão da tradição oral de um povo, que encheu de poesia o mito do lunar de Sepé, retocado pelo mistério da arte através da pena de Simões Lopes Neto.

Deixemos que a lenda da fé cristã continue no seu sonho de beleza e que a imortalidade silenciosa encha de devaneio lírico a figura de Sepé, sem trazê-la porém para o desencanto do julgamento da história, e mais ainda a história do Continente de São Pedro.